

O jovem contemporâneo e sua escola: sobre encontros e desencontros

The contemporary and his school young: about agreements and disagreements

Victor Hugo Nedel Oliveira, Nestor André Kaercher

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre-RS, Brasil

Resumo

O jovem contemporâneo vem surpreendendo a sociedade nos mais diferentes setores. Este mesmo jovem encontra-se em nossos bancos escolares e, por vezes, não damos a devida atenção às suas individualidades, coletividades e expressões. Esta pesquisa trata das culturas juvenis no âmbito escolar e suas relações de pertencimento dos jovens contemporâneos em relação à instituição escola. Para atingir os objetivos propostos, montou-se questionário o qual abarcou as relações dos sujeitos-jovens entrevistados com sua escola, que foi aplicado em três turmas de terceiro ano do ensino médio do espaço de pesquisa – escola pública estadual em Porto Alegre-RS, Brasil – e, posteriormente, analisado, resultando a construção do texto final. Os resultados da pesquisa indicam que o jovem-aluno contemporâneo é composto de múltiplas e transitórias identidades e, com isso, está adaptado a múltiplos pertencimentos. Mesmo tratando-se de uma realidade específica que foi analisada, entendemos que o perfil de jovem elencado pela pesquisa pode ser assim entendido em outros espaços, na medida em que vai se moldando a estas configurações identitárias. Constatou-se que o jovem contemporâneo percebe sua escola e, ao mesmo tempo, aponta possíveis falhas na gestão escolar. Da mesma forma, verificou-se que o jovem aprecia muito diferentes espaços da escola, como pátios e corredores, entretanto, não houve inferência na sala de aula como um espaço aprazível. Há muito que se avançar neste tipo de pesquisa, uma vez que tratamos de nossa prática docente.

Palavras-chave: Jovens. Juventude. Ensino. Escola.

Abstract

Contemporary youth is surprising society in many different sectors. This same young man is in our school benches and sometimes we don't give due attention to their individualities, communities and expressions. This research deals with the youth cultures in the school and their membership relations of contemporary young people in relation to the school institution. To achieve the proposed objectives, a questionnaire that encompassed the relationship of subject-young respondents with their school, was applied in three classes of third year high school on the research space, public school in Porto Alegre / RS, Brazil – and subsequently analyzed, resulting in the construction of the final product. The survey results indicate that the contemporary young student is composed of multiple and transient identities and it is adapted to multiple affiliations. Even in the case of specific reality analysis, we understand that the young profile part listened in the survey can be well understood in other areas, to the extent that will be shaping these identity configurations. It was found that the contemporary young man realizes his school and at the same time, points to possible failures in school management. Similarly, it was found that the young appreciate very different school spaces such as courtyards and corridors, however, no inference in the classroom as a pleasant space. There is much to advance this type of research, since we deal with teaching practice.

Keywords: Young. Youth. Teaching. School.

De jovens e do espaço de pesquisa...

Somos tão jovens? Ainda persiste, em nossa sociedade, a busca pela eterna beleza, a eterna juventude? E o sonho de beber o elixir mágico da juventude e não envelhecer mais? Por longos anos a juventude foi tema de debate dos gregos e seus sucessores. Atualmente, vemos os avanços das áreas médicas em postergar a velhice. As capas de revista, apresentando formas jovens e esculturais, formando um ideal de beleza quase utópico. Mas não é sobre esta juventude que este trabalho se dispõe a tratar. Aqui, queremos discutir sobre essa fase que todos passamos: a juventude – que, por vezes se estende muito além do delimitado pela idade – e suas relações com a sua escola. Queremos ver mais de perto as diferentes juventudes e como podem nos ajudar a docenciar.

Quanto ao espaço de pesquisa, escolhe-se o Colégio Estadual Júlio de Castilhos (CEJC), localizado na região central de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Essa é uma das escolas na qual um dos autores exerce suas funções docentes. O compromisso com o retorno do que pesquisamos diretamente pela sociedade também se envolve na presente pesquisa.

Figura 1: Localização do Colégio Estadual Júlio de Castilhos – Porto Alegre (RS)



Fonte: Google Maps (2015).

O CEJC é a maior escola pública estadual do Estado do Rio Grande do Sul. Possui tradição e nome no ensino, além de forte presença histórica, sendo que importantes acontecimentos ocorreram em suas dependências ou relacionados a seu nome, fazendo da escola parte da história do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre. Nos últimos anos, a escola modificou-se paulatinamente, deixando de ser a referência em excelência no ensino do Estado do RS, mas ainda mantém a visibilidade que tinha desde sua fundação. Pode-se dizer que ocorreram mudanças em alguns principais eixos:

a) *mudanças no público docente*: havia seleção interna até a década de 1970 para docentes do CEJC, além da seleção própria do Estado. Os professores deveriam ter

no mínimo titulação de licenciado e experiência em sala de aula. Atualmente, conta como forma de ingresso docente na escola ou o concurso padrão do Estado do RS ou a contratação emergencial, esta que não exige formação concluída no ensino superior;

b) *mudanças no público discente*: havia seleção para ingresso como aluno até a década de 1980, na qual se realizavam provas de conhecimentos gerais e específicos, sendo os alunos classificados e selecionados os com melhores notas. Além disso, uma significativa parcela do alunado daquela época provinha do interior, já que as escolas de ensino médio eram escassas nessas regiões do Estado. Esse aluno vinha com outros hábitos e rotinas de estudo. Maior comprometimento era natural desses jovens. Atualmente a população de alunos do CEJC é mais variada, como já se afirmou e se comprovou através da pesquisa. Dado importante é que o alunado atual da escola provém de diferentes bairros da cidade, e, em sua maioria, dos bairros Restinga e Lomba do Pinheiro, dois bairros de região periférica de Porto Alegre;

c) *mudanças na gestão pública escolar*: o CEJC, historicamente, foi a escola que primeiramente recebia projetos, inovações, criação e manutenção de laboratórios de ponta, novas técnicas e metodologias. Além disso, a mantenedora da escola, Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, mantinha especial atenção nesse espaço de ensino, destinando, além de recursos físicos, recursos humanos para quaisquer problemas que surgissem na escola. Atualmente, o CEJC tornou-se uma a mais na lista das escolas estaduais em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul.

Mesmo que continue marcando presença pela sua história, o CEJC, uma das maiores escolas públicas do Estado do RS, recebe atenção por parte de sua mantenedora tal qual qualquer outra da mesma rede.

Figura 2: Parte da fachada do Colégio Estadual Júlio de Castilhos



Fonte: Acervo dos autores (2015).

Vemos, na foto acima, por exemplo, um trecho da fachada do prédio principal do CEJC. Pode-se ter ideia de sua dimensão, ao perceber que não se consegue enquadrar toda sua fachada em uma mesma foto. O CEJC apresenta parcela significativa e representativa da população do alunado de Porto Alegre, uma vez que este vem de todas as regiões da cidade, incluindo cidades próximas, sendo composto por diferentes classes sociais, raças, credos religiosos, gêneros e opções sexuais. Entre

outras palavras, trata-se de uma escola grande, com muitos alunos – aproximadamente 2.500 – e, acima de tudo, com grande diversidade, condições ideais para o desenvolvimento da pesquisa.

O CEJC é uma escola pública, como já apresentado. E a escolha por esse espaço de pesquisa não foi aleatória. Vários são os motivos que me levaram a escolher a escola pública para pesquisa e realização do presente trabalho:

a) é inegável o “massacre” que a escola pública vem passando nas últimas décadas, por este ou aquele governo. Nesse sentido, procuro refletir sobre este espaço no ímpeto de querer contribuir para a melhoria na qualidade do ensino desses estabelecimentos por onde passam milhões de brasileiros anualmente;

b) há, sem dúvidas, um compromisso da pesquisa com o retorno social a que ela se propõe. De fato, uma pesquisa realizada em uma Universidade pública, com financiamento de professores através de verbas públicas deve pensar, igualmente, a educação em espaços públicos, neste caso, na educação básica pública – ensino médio;

c) mesmo os autores não havendo estudado em escola pública, percebeu-se, ao ingressar enquanto docente nesse espaço, o quão carente em recursos financeiros a escola pública é, mas, o que mais preocupou, de imediato, foi a carência em recursos humanos que pensem a organização, o currículo, a didática, o funcionamento desses estabelecimentos de ensino. Nesse sentido, se dá a escolha pela escola pública: colaborar, ainda que de maneira modesta e pequena, nas discussões sobre o pertencimento dos jovens a esses espaços.

Das leituras que nos fizeram pensar...

Ao buscar entender quem é o jovem contemporâneo e suas relações com a sua escola, busca-se entender também, e especificamente, como está composto o quadro de alunos da escola escolhida como espaço de pesquisa. Nesse sentido, Michalski (2010) apresenta a identidade do aluno Juliano,¹ destacando aspectos importantes como: a liberdade que o mesmo encontra dentro da escola, os diferentes espaços e grupos que a escola lhes proporciona e as oportunidades extracurriculares que lhes são fornecidas.

O Julinho proporciona contatos sociais dos mais diversos, e isso vem a ser um diferencial desta escola. Dou-me conta de que suas identidades são enriquecidas nas relações sociais que ocorrem dentro do colégio, o que necessariamente leva a um amadurecimento, ao aprendizado da tolerância e da solidariedade (MICHALSKI, 2010, p. 11).

E segue a autora, sobre os diferentes significados que o Julinho fornece e constrói em seus alunos:

O “Julinho” é um lugar repleto de significados para todos aqueles que estudaram e estudam lá. Ao longo desses cento e dez anos, o colégio é principalmente lembrado como escola-padrão, com professores marcantes e um ensino qualificado. Mais recentemente, principalmente através dos meios de comunicação, a escola tem sido associada algumas vezes ao uso de drogas e brigas que de fato ocorreram em 2006 no coreto da praça em frente ao colégio envolvendo alu-

¹ Entende-se, por aluno Juliano, o aluno que está atualmente matriculado no CEJC ou que já foi aluno desta escola. Este termo é utilizado justamente para reforçar esta ideia de pertencimento identitário ao colégio.

nos de outras escolas próximas, alguns do Julinho e outros que não eram de escola nenhuma. A questão da drogadição e da violência invadiu quase todos os espaços da cidade, inclusive o espaço escolar, seja ele público ou privado (MICHALSKI, 2010, p. 13).

Realmente, a violência escolar é um fato presente nas mais variadas escolas, e o Colégio Estadual Júlio de Castilhos também sofreu e sofre deste mal. Esses significados apresentados por Michalski são confirmados em pesquisa recente realizada pela Fundação de Apoio ao Colégio Estadual Júlio de Castilhos (Fundação), entidade responsável por assessorar e congregar alunos, professores, ex-alunos e ex-professores. Nas pesquisas, realizadas pelo Departamento de Ensino desta Fundação, afirma-se que 56,8% dos alunos já mantinham interesse em estudar na escola, mesmo antes de se matricular, fato este que confirma a tese, mesmo em tempos de mudanças na escola, de que mais da metade dos alunos ingressantes gostariam de estudar nesta escola e não em outras, o que ainda, *a priori*, a mantém como escola de referência. Michalski (2010, p. 19) continua e afirma outros espaços sociais nos quais os alunos transitam dentro da escola:

Ao longo dos três anos (no mínimo) que os jovens que estudam no Julinho, também namoram, fazem parte do time de vôlei, futebol e futsal, participam de oficinas de teatro, escultura, desenho, gravura, pintura ou cerâmica (um dos diferenciais do colégio), atuam no Grêmio Estudantil, participam de reuniões do Kaa-eté (grupo ambientalista) ou ainda, até pouco em atividades do DTG.

Atualmente, ainda permanecem algumas das atividades supracitadas. Tais atividades são formadoras também destas características plurais e que tornam esta uma escola de ensino médio diferenciada das demais de mesmo nível da rede pública estadual. Ao matricular-se, o aluno seleciona em qual modalidade esportiva realizará as aulas de educação física: *vôlei*, futebol, *futsal*, academia de ginástica, alongamentos e caminhadas. Da mesma forma, os alunos elegem a especialidade de arte que estudarão (esta apenas no primeiro ano do ensino médio, conforme a grade curricular vigente): teatro, escultura, desenho, gravura, pintura ou cerâmica. Outros espaços atuantes para o aluno, atualmente, são: o Grêmio Estudantil – que mantém, muito claramente, forte ligação com partidos políticos de extrema esquerda, fato não isolado nesta escola, e no qual não entraremos na seara do debate. O fato é que este é um importante espaço de socialização de muitos alunos, simpatizantes desta linha política. O DTG (Departamento de Tradições Gaúchas), recentemente reativado, que propõe dar seguimento ao Movimento Tradicionalista Gaúcho, que teve origem nesta escola, na figura popular de Paixão Cortes. A Banda Marcial Juliana, em formato de orquestra, que também realiza apresentações em forma de marcha; é outro espaço que tem recebido a procura de alunos que desejam estudar música, como sendo um programa extracurricular. Mesmo com todos estes atrativos e diferenciais na escola, um fenômeno teima em se repetir: a recusa aos modelos de socialização dos conhecimentos, já apontado por Corti (2009, p. 110), afirmando que “[...] os adolescentes e jovens de baixa renda que estão incluídos na escola expressam recusa ao modelo de socialização do conhecimento”.

Este fenômeno, de recusa aos modelos de socialização dos conhecimentos, é notadamente visível em grande parte dos alunos da escola, na medida em que os es-

paços já citados tornam-se espaços de atração ao aluno. Já a sala de aula, dita convencional, torna-se espaço de repulsão, em grande parte dos casos. O que estamos fazendo com esse aluno em nossas aulas? O que faz o aluno gostar dos espaços da escola, gostar de estar na escola, mas não da sala de aula? Nesse sentido Corti (2009, p. 115) segue dando pistas para pensarmos esses problemas ao afirmar que, nesses casos, trata-se de um:

[...] público juvenil diverso contradições de uma sociedade que avança na inclusão educacional sem transformar a estrutura social desigual. As desigualdades sociais tendem a tencionar a escola produzindo novos conflitos.

Tais conflitos estão muito claros, nas falas de muitos colegas, em conversas nos intervalos, quando são relatados alguns momentos de sala de aula, os quais são nominados como conflitos com alunos. Esses episódios abarcam grande parte de exemplos, como: falta de interesse dos alunos, falta de respeito, desmotivação, eventuais brigas, retirada de alunos de aula, entre outros. Não gostaria aqui, de forma alguma, de culpabilizar o professor pela ocorrência de tais atitudes, mas caberia o questionamento de como estão nossas aulas hoje. São, efetivamente, atrativas para o aluno? Conseguimos manter a atenção dos alunos? Penso que não somente através das aulas, mas do próprio relacionamento com os alunos. Esse relacionamento, dentro do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, já é notado como “democrático”, por Michalski (2010, p. 25) apontando que:

Há um convívio democrático com pessoas de bairros diferentes, homossexuais masculinos e femininos, jovens cadeirantes e com outras limitações físicas, com gostos musicais diferentes, com opções partidárias diferentes.

Essa fala da autora reflete um importante elemento considerado nesta pesquisa, tanto como forma de justificar a realização desta, no sentido de elencar a escola para o espaço da pesquisa e também nas relações com o ensino: a diversidade. É afirmado que existe um convívio pacífico com alunos de diferentes bairros de Porto Alegre, o que é refletido já na entrada dos alunos na escola, quando vêm de bairros diferentes de Porto Alegre, a maioria de bairros de periferia. Quando o aluno entra em contato com uma escola grande e sai de seu bairro, nota-se claramente uma mudança comportamental, já que o mesmo se encontra em novos espaços, com novas pessoas, o que implicaria comportamentos diferentes dos de sua realidade de origem, já que os espaços também vão construindo as pessoas e seus comportamentos.

Outro enfoque especial de Michalski (2010) é sobre a questão da sexualidade dos alunos. Há alunos heterossexuais, homossexuais, bissexuais, transexuais assumidos, ou seja, que se afirmam ser e ter comportamentos sexuais desses tipos. O fato é que existe, em número muito reduzido, falas e comportamentos de preconceito em relação a estes alunos, mas, em sua grande parte, são respeitados.

Por fim, a autora trata da questão de alunos com deficiências físicas. De fato, o Julinho recebe uma quantidade significativa de alunos cadeirantes, já que a escola possui elevador de acesso aos seus três andares. Há também alunos com deficiências mentais, os quais, normalmente, ingressam na escola com laudo médico, e o mesmo é apresentado aos professores das turmas com estes alunos, tendo os mesmos uma avaliação diferenciada. Silva (1999, p. 198) que realizou seus estudos de

mestrado em educação e utilizou o Colégio Estadual Júlio de Castilhos como um de seus espaços de pesquisa, no sentido do que já tratamos aqui, aponta que:

Os jovens com os quais tive oportunidade de maior contato no colégio discordam da visão essencialista que tende a rotulá-los/as da mesma forma, nos levando em conta suas especificidades. Os/as jovens não se definem de uma maneira única, pois as tribos, conforme referi anteriormente, se diferenciam não só no que diz respeito ao grupo de tradições gaúchas, grupos de capoeira, ecologia, teatro, grêmio estudantil, mas também no que tange às suas sexualidades e às formas de representá-las. “Sexo não é a mesma coisa pra todo mundo”, disse-me um aluno. “Aqui dentro tem de tudo”, afirmou-me outra estudante, ressaltando as diferenças. “Tem para todos os gostos: *punks*, *fashions*, *gays* e sapatões” [grifo nosso].

Aqui se aponta, além dos tópicos já trabalhados, a questão das tribos. Mas não apenas a questão da divisão em grupos de interesses comuns, e sim na construção de identidades próprias dos alunos, que se identificam, se afirmam e se portam como pertencentes a determinado grupo.

A diversidade presente na escola, como já referido, torna-se chave para o entendimento dos jovens e seus comportamentos, bem como de sua relação com a escola na qual estuda. Não se quer afirmar que em outras escolas não existam grupos e organizações como as que aqui foram apresentadas.

Sabemos que o Julinho é uma escola apreciada pela comunidade porto-alegrense e gaúcha; entretanto, a imagem desta escola é realmente boa?

Das operações metodológicas...

“*Caminante, no hay camino. El camino se hace al caminar [...]*”. Embora saibamos que a citação da letra da consagrada música que está presente no ideário latino-americano, seja uma verdade para muitas das situações enfrentadas em nosso cotidiano pessoal, sabemos que não se aplica, totalmente, ao âmbito da pesquisa. É necessário projetar o caminho da pesquisa. É necessário buscar uma forma exequível de encontrar pistas para as respostas das perguntas às quais buscamos. É necessário dar sentido, ainda que plural, aos dados que levantamos e relacionar estes com os teóricos que nos acompanham!

Na presente pesquisa, que busca tratar das relações entre o jovem contemporâneo – na posição de aluno – e a escola contemporânea, muitas seriam as opções metodológicas a serem adotadas. Nesse contexto, conforme os estudos realizados por Esteban (2010), quando discorre sobre a temática da pesquisa em educação, a pesquisa realizou-se em três momentos, a saber:

- a) investigações iniciais, revisão bibliográfica e montagem dos questionários;
- b) aplicação dos questionários e observações em campo;
- c) análise e sistematização dos dados coletados.

Para que pudéssemos montar os questionários – com perguntas abertas e fechadas – um importante levantamento teórico teve de ser realizado no que diz respeito aos três pontos do referencial teórico da presente pesquisa. Nessa montagem, conforme aponta Veiga-Neto (2007, p.43) há que se ter a clareza acadêmica de que:

[...] temos de saber onde estamos e de onde falamos – queiramos ou não, sai-

bamos ou não – sempre nos localizamos em um paradigma, a partir do qual constituímos nossos entendimentos sobre o mundo e nossas representações.

Propusemos esse questionamento para ver se nós, professores, estamos realmente dando sentido a essa ciência e, se não, como melhorar nossas práticas a partir do *conhecimento de quem é nosso aluno*. E por que assim o fizemos? Por estarmos cansados de ver, cotidianamente, a evasão escolar, as críticas aos professores, a desvalorização da escola pública, entre outros tantos problemas que, se fôssemos citá-los individualmente, nos faltaria tempo e sobriariam lágrimas.

Nesse sentido, o questionário da pesquisa é montado pensando em analisar as representações sobre escola de jovens alunos do Ensino Médio buscando compreender os sentidos a ela atribuídos nesta fase da escolarização.

O questionário apresenta perguntas que relacionam as vivências do jovem em relação ao espaço de pesquisa, o Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Essa etapa do questionário foi baseada no trabalho de Michalski (2010), um dos primeiros trabalhos a pensar, com exclusividade, a identidade do aluno do espaço eleito para esta pesquisa. Nesse sentido, formam-se as perguntas para a parte final do questionário de pesquisa:

- 1) Por que escolheu estudar no Julinho?
- 2) O que representa sair do bairro e vir até o Julinho para estudar?
- 3) Quais espaços do Julinho, além da sala de aula, mais frequenta?
- 4) Se gosta de estudar no Julinho. Por quê?
- 5) Resumir, em três palavras, o que sentiu no teu primeiro dia de aula no Julinho.
- 6) O Julinho é:
- 7) O Julinho não é:
- 8) O Julinho tem:
- 9) O Julinho não tem:

Aqui, podemos incluir também, como opção metodológica, o denominado “estudo de caso”, já que trabalhamos, investigamos e tiramos conclusões de um único espaço de pesquisa, o qual pode – ou não – ter respostas únicas, individuais, que não se compartilhem com outros espaços, pois conforme relata André (2012, p.30): “[...] o estudo de caso aparece há muitos anos nos livros de metodologia da pesquisa educacional, dentro de uma concepção descritiva de uma unidade, seja uma escola, um professor, um aluno ou uma sala de aula”.

Nesse sentido, não queremos determinar ou rotular a pesquisa como partícipe deste ou daquele eixo metodológico exclusivo. Não cabe a nós excluir outras possibilidades analíticas à pesquisa, dado que o intuito maior é colaborar, através de nossas discussões, com a qualidade do ensino em espaços escolares, através do presente estudo, em escola pública, que pode ser entendido em outros espaços de ensino igualmente.

Tendo construído o questionário de pesquisa, passamos para a etapa metodológica de aplicação dos questionários e das observações feitas em campo – que ocorreram juntamente com a catalogação dos achados da pesquisa, para melhor entendê-los – etapa tão importante quanto a presente, já que nela obteremos dados/informações para o desenrolar do processo de investigação.

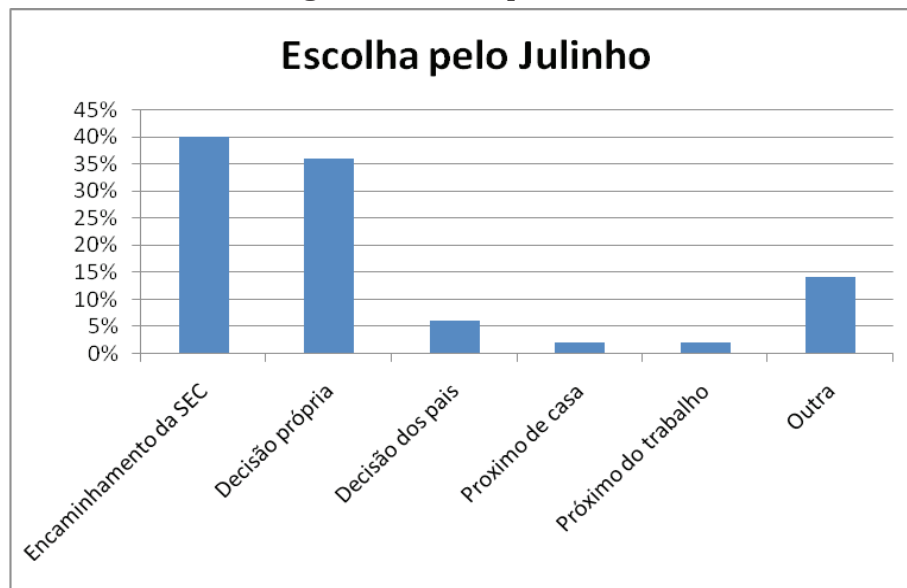
Essa distribuição está composta pela amostragem de uma turma de cada 3º ano da escola em cada turno (manhã, tarde e noite), o que representa 25% do total de

alunos da referida série. Assim, abrangemos, por amostra, o alunado da escola, que está completando suas vivências escolares, encerrando, assim, o ciclo de escolarização básica.

Dos resultados da pesquisa...

Numa primeira análise, cabe ressaltar a divisão no que se refere à escolha desse jovem em estudar no CEJC. Dos sujeitos da pesquisa, 40% afirmam terem sido direcionados/encaminhados via Secretaria Estadual de Educação, ou seja, foram designados para estudar no Julinho. Ainda assim, 36% afirmaram ser escolha própria o fato de estudar no Julinho. Percebemos que aí temos uma categoria importante das respostas mais citadas: não há uma homogeneidade na escolha pelo Julinho como escola. Assim, podemos observar no gráfico que segue, juntamente com outros motivos elencados, como decisão dos pais ou ainda proximidade de casa ou trabalho (respostas menos expressivas na análise).

Figura 3: Escolha pelo Julinho



Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

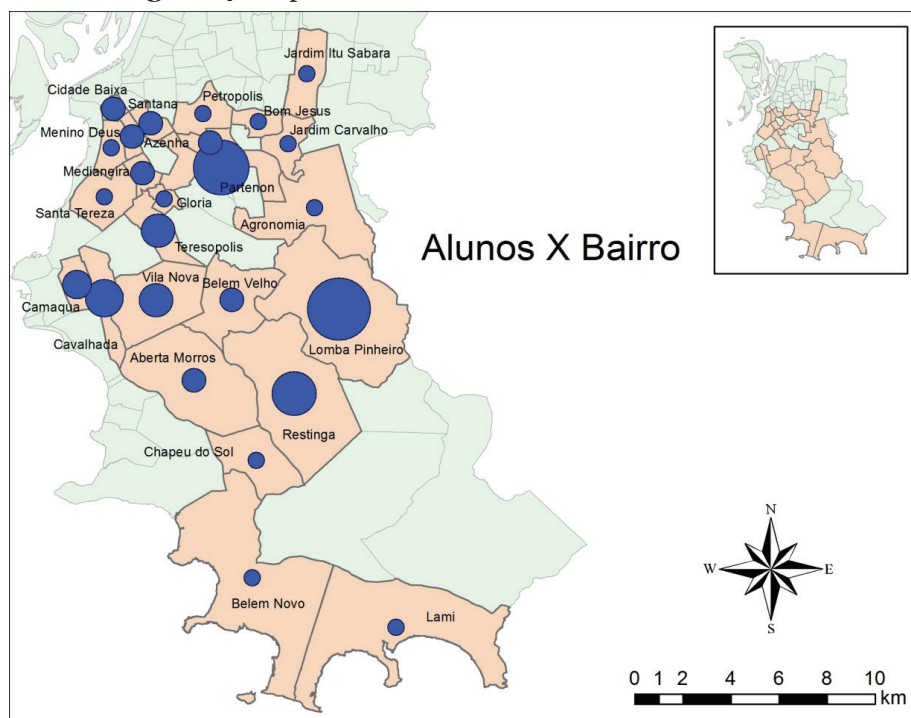
Elaboramos, da mesma forma, um levantamento dos bairros dos quais provêm os alunos que estudam no Julinho, com base na amostra da pesquisa. Constatamos que não há uma proximidade geográfica expressiva no que diz respeito à cercania da escola em relação às residências dos alunos entrevistados. Constatamos, ainda, que a maioria dos alunos é proveniente das zonas central, leste e sul e muito poucos alunos originam-se de bairros da zona norte da cidade de Porto Alegre.

Cabe destacar o fato de que existem dois bairros nos quais há maior número de alunos residentes: Partenon e Lomba do Pinheiro. Sabemos que nesses bairros é grande o número de comunidades cujo padrão socioeconômico é baixo, fato que podemos perceber, claramente, em nosso cotidiano docente, através da falta de material didático e das roupas utilizadas pelos alunos.

É importante afirmar que os alunos que compuseram a amostra estão localizados nas mais variadas partes das zonas de Porto Alegre. Assim, o CEJC não se confi-

gura como escola de comunidade, que atenderia prioritariamente alunos de suas cercanias. O CEJC trata-se de “escola de passagem”, confirmado por amostragem através da interpretação do mapa.

Figura 4: Mapa do Bairro de residência dos entrevistados



Fonte: Geóg. Marcelo Nunes Antunes Filho (2014).

Tendo uma prévia do que encontraríamos no que se refere aos bairros de procedência dos alunos, questionamos os mesmos sobre o que, efetivamente, significa para os alunos sair de seu bairro para estudar no Julinho, uma vez que nos pareceria importante ter conhecimento do que representa – subjetivamente – este deslocamento geográfico pela cidade para estudar.

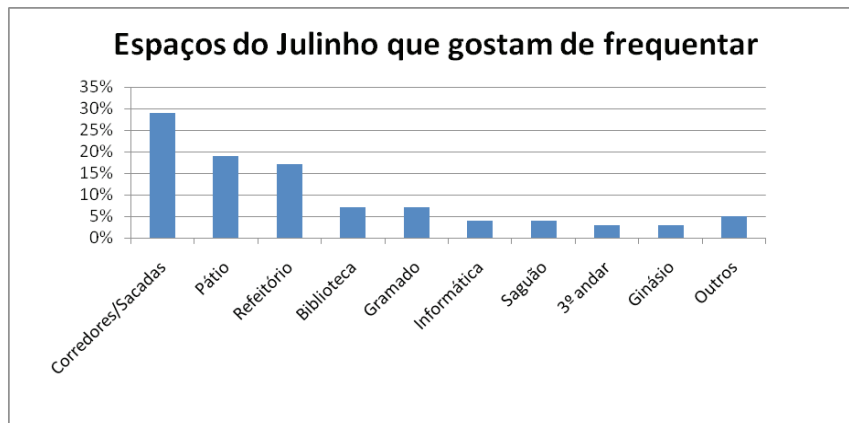
Das respostas, 35% – a maioria – afirmam ser uma viagem longa. Entendemos essa resposta, uma vez que nos é sabido que muitos alunos enfrentam viagens, em coletivos, diariamente, em condições precárias, *por mais de uma hora*, para chegar a sua escola. Na sequência, constatamos que 30% dizem que essa viagem, mesmo sendo longa, muitas vezes simboliza uma mudança de vida, e, de fato, muitas vezes, assim o é. Sabemos hoje do quanto a escolarização básica completa (incluindo o ensino médio) é importante na vida do trabalhador, por exemplo. Haver finalizado o Ensino Médio – nesta ou naquela instituição – representa uma mudança de vida, de possibilidades de emprego, de salários.

Ainda constatamos que 20% dos entrevistados afirmam que sair do bairro para vir estudar significa “monotonia”, um simples cumprimento de uma tarefa e 10% afirmaram ser caminho ou passagem. Questionamo-nos: o que faz um jovem afirmar que sair de seu bairro para estudar – muitas vezes enfrentando longa viagem, desconfortável – é algo monótono, “para cumprir uma tarefa”? Não queremos aqui responsabilizar o professor por essa resposta. O fato é que há culpa no processo como um todo! Não estamos conseguindo motivar nossos jovens para que frequen-

tem, com ânimo, a escola! Pouco sabemos deles! Acreditamos que conhecê-los, em um primeiro momento, ajude a caminhar na reversão desse processo!

Ainda na construção deste dossiê sobre a relação do jovem com sua escola, perguntamos aos jovens-sujeitos entrevistados quais espaços no Julinho eles mais gostavam de frequentar ou estar. Obtivemos as seguintes respostas.

Figura 5: Espaços do Julinho



Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

Queremos tecer algumas considerações sobre os dois espaços mais apontados pelos entrevistados: os corredores/as sacadas (29%) e o pátio (19%). Seguiremos com uma pequena reflexão sobre a relação entre o jovem e os espaços de sua escola:

a) Corredores/sacadas

Com a maior porcentagem de respostas, os corredores e as sacadas do Julinho são o principal ponto de encontro dos alunos-jovens nos seguintes momentos: entradas, trocas de períodos, saídas. A arquitetura do prédio da escola é de autoria do renomado arquiteto Demétrio Ribeiro, e as sacadas foram justamente planejadas para que fossem espaço de convivência dos alunos, para que os mesmos pudessem respirar um ar fresco, dialogar, fazer amizades e até namorar. Pela expressividade nas respostas dos questionários, nos parece que as mesmas cumprem muito bem essa função.

Figura 6: Sacada do Julinho



Fonte: Acervo dos autores (2015).

Figura 7: Corredor do Julinho



Fonte: Acervo dos autores (2015).

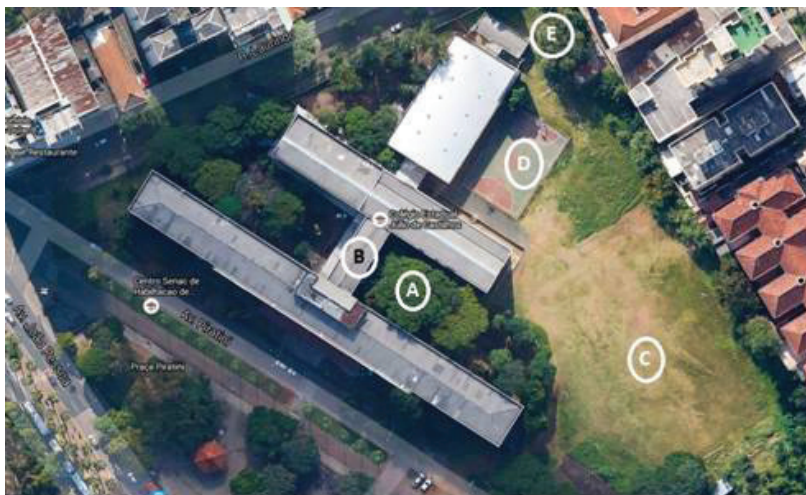
b) Pátio

Com a segunda maior percentagem, o pátio aparece igualmente como lugar de convivência dos alunos, já que é espaço de passagem, de ficar ao ar livre, de se expor ao sol – quando autorizado – de paquerar, de praticar esportes, por exemplo. O pátio em uma escola é um importante espaço de sociabilização dos alunos. No Julinho, existem várias seções/partes do que podemos chamar de pátio:

- pátio entre os dois blocos;
- o saguão que interliga estes dois blocos;
- campo verde-gramado;
- quadras abertas;
- os “fundos”.

Vejamos essa dispersão na imagem de satélite.

Figura 8: Vista de Satélite dos pátios do Julinho



Fonte: Google Maps (2015).

O que fica claro é que, muitas vezes, o pátio é lugar para matar aula, para se esconder da direção, para utilizar drogas e até para manter relações sexuais. A parte conhecida como “fundão” é a mais propícia para cometer esses atos ilícitos, já que não está às vistas da direção e há pouca circulação de funcionários por este local.

Por outro lado, o pátio também serve como espaço no qual há a livre circulação de alunos e o aproveitamento, por exemplo, em um dia de sol, para realização de exercícios – prática autorizada em muitos outros espaços escolares.

Figura 9: Foto dos pátios do Julinho



Fonte: Jornal Sul21 (2014).

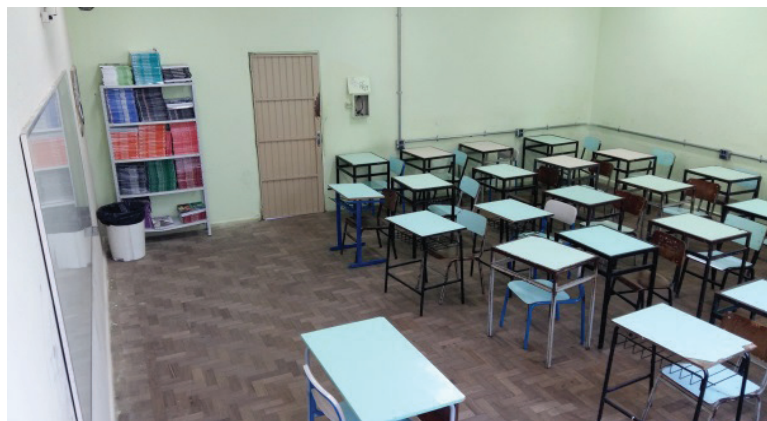
O ponto importante a ser discutido, como já sinalizamos anteriormente, é que foram citados vários espaços da escola (sacadas, pátio, refeitório, biblioteca, informática [...]) quando questionamos os alunos sobre quais gostavam de estar ou frequentar; mas um espaço *não foi citado* por nenhum dos entrevistados: a *sala de aula!*

Os espaços citados são os que os alunos menos permanecem ou pouco frequentam, durante o tempo em que estão na escola. A sala de aula é o espaço no qual os alunos mais permanecem! Mas, por que ela não foi citada por *nenhum dos entrevistados* como um espaço que dá gosto de estar? O que acontece, de fato, que faz os alunos criarem ojeriza por esse espaço? Penso que aqui temos a oportunidade de refletir sobre nossas aulas e de como potencializamos este como um espaço de criatividade, liberdade, autonomia e reflexão dos alunos. Voltamos a nos questionar: conhecemos nossos alunos? Se conhecêssemos talvez pensaríamos em melhores momentos com eles neste espaço que não lhes é agradável!

Também é importante refletir sobre a fase da adolescência/juventude como de oposição à cultura dominante, como já apresentamos aqui. Não queremos responsabilizar, novamente, o professor, ao encontrarmos esse dado da análise. Há que se refletir sobre como esses jovens percebem o espaço escolar, uma vez que lhes é “privada” a possibilidade de frequentar/estar nos espaços os quais gostam de estar porque precisam assistir às aulas ministradas – em sua massiva maioria – na sala de aula. Podemos entender, assim, que a sala de aula surge como uma espécie de

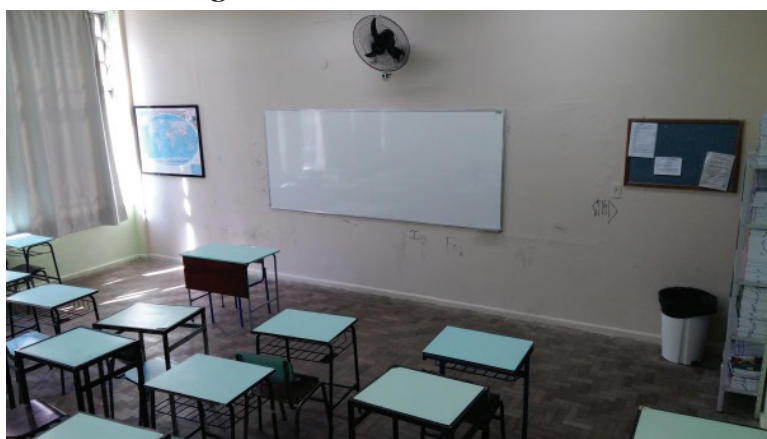
sentença para o aluno: “tu vais à escola, conviverás com teus amigos, farás amizades, paquerarás, mas, por isso, pagarás um preço: deverás estar na sala de aula!”, conforme demonstrado nas próximas Figuras 10 e 11.

Figura 10: Sala de aula do Julinho



Fonte: Acervo dos autores (2015).

Figura 11: Sala de aula do Julinho



Fonte: Acervo dos autores (2015).

Veja bem, caro leitor, o Julinho possui salas de aula tão normais quanto qualquer outra escola pública possuiria! Não há nada de aparato tecnológico. Quadro branco, classes, cadeiras, estante, livros e um mapa-múndi, estes são os elementos que estão presentes nas mais de quarenta salas de aula que a escola possui. Agora, podemos refletir no que diz respeito àquilo que acontece dentro desse simples espaço.

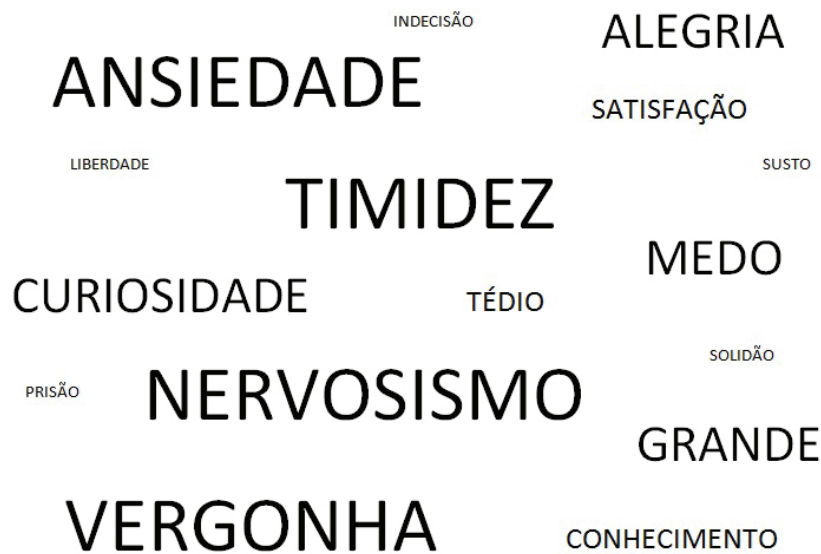
Para se dar uma boa aula não precisamos de grandes artefatos: a) um professor, que conheça seus alunos, que saiba do que irá falar, que tenha paciência, que entenda do processo de aprendizagem em sua ciência, e (b) um grupo de alunos que admire seu professor. Nada de utopias aqui, caro leitor. Esses nos parecem requisitos básicos e elementares dentro de uma escola, mas, será que de fato eles existem? Por exemplo: interesse em interagir, educar!

Ainda questionamos nossos entrevistados se eles gostam de estudar no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, com o intuito de verificar o quão estreita é – ou não – a relação afetiva dos estudantes com sua escola. Massivos 97% dos jovens entre-

vistados afirmam gostar de estudar no Julinho, sendo os principais motivos para gostar de estudar nesta escola: os amigos que ali constituíram e constituem; os professores, os quais afirmam que, com raríssimas exceções, são muito camaradas; a diversidade encontrada na escola; a liberdade fornecida pela escola.

Montamos um infográfico para explicitar as três palavras que nossos entrevistados sentiram em seu primeiro dia de aula no Julinho. Optamos por armar uma forma diferente de visualização que pode nos auxiliar na interpretação dos dados: quanto maior a palavra, mais vezes ela foi citada, quanto menor a palavra, menos vezes ela foi citada. Vejamos as primeiras impressões dos jovens-alunos sobre sua escola.

Figura 12: Palavras que representam o primeiro dia de aula dos entrevistados no Julinho



Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

Perceba, caro leitor, as quatro palavras maiores nesse gráfico são: vergonha, nervosismo, timidez e ansiedade. No geral, não são palavras de conotação positiva, ao nosso olhar. Podemos imaginar que essas palavras estão diretamente relacionadas com o fato de que esses jovens nunca haviam se encontrado – quando da constituição da turma, no primeiro ano do ensino médio – e que estão em um momento de real timidez e vergonha.

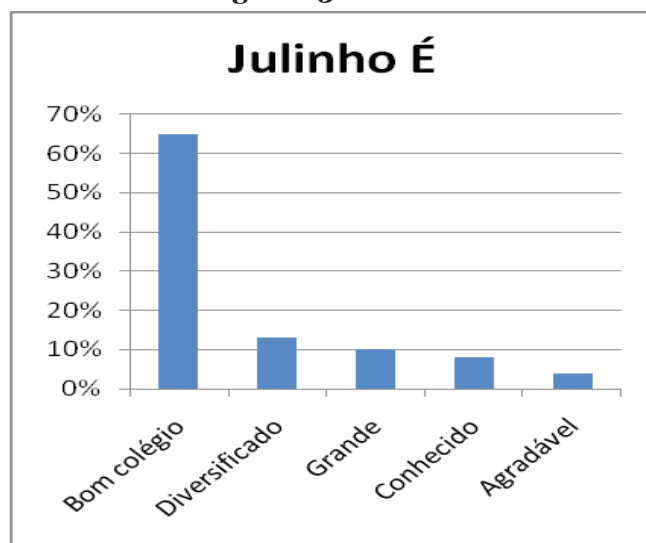
Mas também nos aparecem palavras interessantes como curiosidade, alegria, conhecimento! Entendemos que, ao se referirem ao seu primeiro dia de aula no Julinho, os alunos efetivamente estavam iniciando uma nova etapa em suas vidas, o ensino médio, uma etapa repleta de descobertas e aprendizados, etapa esta na qual, realmente, este perfil e esta identidade juvenil que tratamos ao longo deste texto irão aflorar, reverberar e se autoafirmar nestes jovens-alunos.

Por fim, como última análise desta pesquisa, propusemos que os alunos-jovens-entrevistados trabalhassem com relações de antíteses, sobre sua escola. Pedimos que os mesmos completassem dois pares de frases, a saber: O Julinho é/O Julinho não é; O Julinho tem/O Julinho não tem. Nossa intenção aqui foi perceber a visão desse aluno em relação às qualidades e possíveis dificuldades da escola. Alegrou-

-nos a sinceridade com que os alunos responderam, pois muito do que foi dito por eles é a mais pura percepção vivida pela escola. Por outro lado, pudemos constatar como todo ser humano é crente, um crente que acredita que seu espaço pode ser o melhor de todos, quando há muito que fazer para melhorar e atingir níveis de um bom padrão de qualidade.

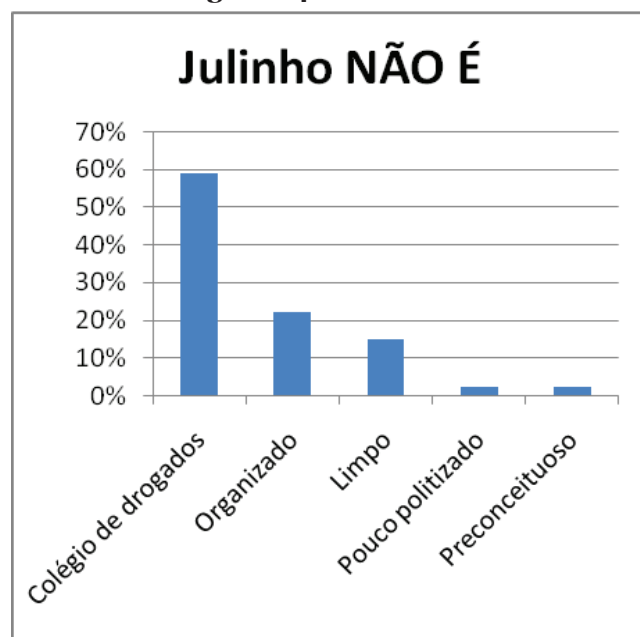
Sobre a antítese “o Julinho é/o Julinho não é” encontramos as seguintes respostas.

Figura 13: Julinho é



Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

Figura 14: Julinho não é



Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

Na demonstração das figuras apresentadas se confirmou a ideia de quão crente nosso aluno é, quando 65% dos entrevistados afirmam que o Julinho – espaço

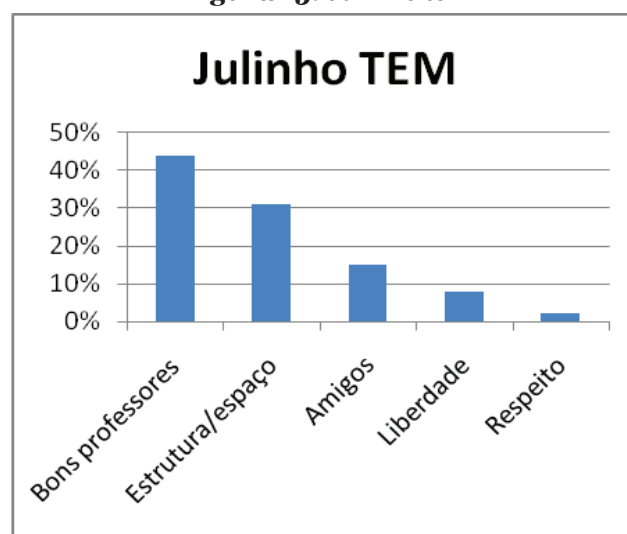
da pesquisa – é um bom colégio! Já anunciamos no capítulo inicial deste texto o quão “massacrado” o Julinho foi e vem sendo nos últimos tempos, dado o descaso com a educação pública. Mas nosso aluno acredita em nós, acredita em sua escola, acredita que sua escola é, de fato, um bom colégio! Afirmam ainda que o Julinho é diversificado (o que provou esta pesquisa), grande (o que de fato é – maior escola pública do Estado do RS), conhecido (grande parte das mídias procuram o Julinho para noticiar sobre educação) e agradável.

Por outro lado, nos aparece que o Julinho não é um colégio de drogados. Aqui, um ponto delicado a ser tratado. Sabe-se que a maioria dos alunos do Julinho não tem relação alguma com qualquer tipo de droga. Mas se sabe, também, que, há algumas décadas, o Grêmio Estudantil da escola vem sendo ocupado por alunos que utilizam este espaço para o consumo de drogas (principalmente maconha), o que dá a fama de a escola ter muitos alunos drogados ou ser uma escola de drogados, quando são pouquíssimos os que cometem estes atos ilícitos no ambiente escolar. O que nos alegrou aqui foi que nossos entrevistados se colocaram, firmemente, na posição de que eles não são esses drogados! São alunos que estudam e buscam o melhor para si e para os seus!

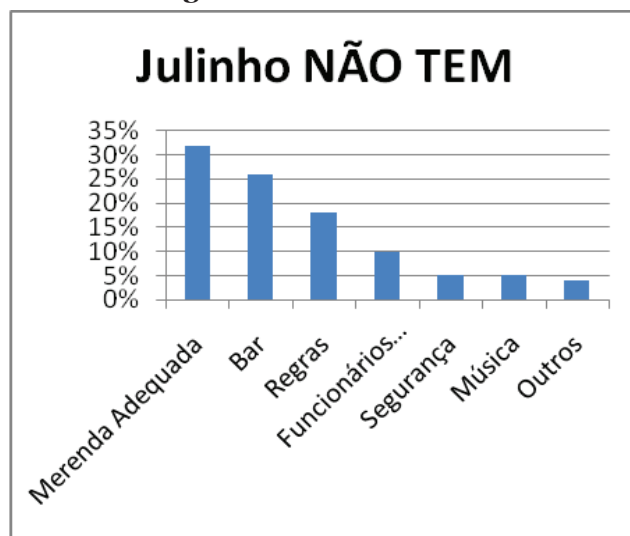
Dois palavras que revelam uma triste realidade: o Julinho não é organizado e limpo. E de fato não é! Percebemos, nos últimos anos, que a gestão da escola pública vem enfrentando sérias dificuldades para administrar uma escola, o que dá a real impressão de desorganização no ambiente escolar. Faltam também funcionários suficientes para dar conta da limpeza de um espaço tão grande como o Colégio Júlio de Castilhos. Duas palavras que revelam uma alegre realidade: o Julinho não é pouco politizado e preconceituoso. E, de fato, também não o é! Existem muitas correntes políticas no âmbito da escola e a tolerância/respeito com a diversidade é fator que vem aumentando cotidianamente.

Sobre a antítese “o Julinho tem/o Julinho não tem” encontramos as seguintes respostas.

Figura 15: Julinho tem



Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

Figura 16: Julinho não tem

Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

Nossos alunos afirmaram que o espaço da pesquisa tem bons professores (porque gostam dos mesmos, em sua maioria), tem estrutura/espaço, tem amigos, tem liberdade e tem respeito. Pontos muito positivos para a escola! Por outro lado, nos revelam tristes fatos, ao declarar que o Julinho não tem merenda adequada, bar, regras, funcionários suficientes, segurança e música, por exemplo. Tentemos entender porque nos apareceu cada um destes dados:

a) Julinho não tem:

– *merenda adequada*: as licitações para a merenda escolar estão ficando cada vez mais complicadas e delicadas, o que faz com que muitas vezes a merenda seja bolacha e suco artificial;

– *bar (cantina)*: a licitação para o bar da escola venceu e os inquilinos ficaram mais de dois anos sem pagar o aluguel para o Estado, o que fez com que este barrasse a entrada de um novo inquilino para o bar antes que o anterior quite sua dívida;

– *regras*: existe um cartão informativo com as regras da escola, elaborado em parceria com a Fundação de Apoio. Parece-nos que os alunos inferem em não ver as regras porque não as põem em prática e não há fiscalização adequada sobre o tema;

– *funcionários suficientes*: de fato não há. Atualmente existem quatro funcionárias da limpeza, para limpar uma estrutura gigante, com mais de 40 salas de aula, mais de 10 laboratórios, mais de 40 salas entre direções e coordenações, tudo isto funcionando em 3 turnos;

– *segurança*: frequentemente os alunos são assaltados ao sair da escola e atravessar a Praça Piratini para ir à parada dos ônibus;

– *música*: são raros os recreios em que tem música.

Das conclusões: por mais jovens que pensem em sua escola

Em um primeiro momento, percebe-se um jovem que tem, efetivamente, conhecimento e sentimentos em relação ao que acontece em sua escola: o jovem não está apático ao ambiente escolar!

Quando apontamos dos espaços de sua escola dos quais os jovens contemporâneos afeioam-se mais e, nos resultados aparecem os pátios e os corredores/sacadas, bem como ao mesmo tempo, nenhum participante da pesquisa infere no espaço da sala de aula, há muito que se preocupar. Podem-se elencar algumas perguntas importantes, em relação às nossas aulas:

– Estamos dando a verdadeira importância ao entendimento da realidade de quem é nosso aluno e de nossa verdadeira função enquanto seus professores?

– Estamos contextualizando as realidades locais dos alunos, de maneira a termos uma abordagem dos assuntos trabalhados em aula mais próximos das vivências dos jovens contemporâneos?

– Estamos tendo espaço para discutir com os alunos as temáticas dos movimentos sociais, das cidades, das populações, de maneira com que eles se sintam participantes destas questões?

– Não estaríamos frisando em demasia conteúdos sem significados em troca de pouco ou nada trabalhar com os conhecimentos já existentes na vida dos sujeitos-jovens-alunos?

Caro leitor, são muitas as perguntas! Encontramos respostas para elas? Nesse sentido é que nos referimos ao afirmar que a busca por responder uma pergunta nos abre espaço para outras tão urgentes quanto a primeira.

Outro importante ponto, para novas pesquisas, são as sugestões/perguntas que se abriram a partir da presente pesquisa:

– um método que vá além dos questionários: grupo focal, por exemplo. Necessito ter mais dados subjetivos de vários jovens, para poder aclarar dados que aqui ainda requerem maior lapidação. Necessitamos de mais tempo para pôr em prática este método, uma vez que há degravações e análise do discurso;

– as comparações entre os jovens de escola pública e privada: como já dito, esta foi uma comparação particular e paralela à pesquisa. Nosso foco de pesquisa foram os alunos de escola pública, mas seria interessante também avaliarmos as diferenças para além das aparências, entre estas duas realidades;

– as comparações entre jovens urbanos e jovens do interior: como as identidades juvenis são formadas em outros espaços, que não o urbano?

– as comparações entre jovens de diferentes nacionalidades: estariam os jovens brasileiros, por exemplo, com perfis semelhantes a outros jovens do MERCOSUL? Como as diferenças de colonização histórica produzem diferenças na constituição destes jovens?

Acredita-se ser importante lembrar, neste espaço, Meirieu (2006, p. 25), em sua “Carta a um Jovem Professor”, sobre uma visão importante do professor: “Não há nada de extraordinário, então, em considerarmos nosso ofício como um meio de possibilitar a outros que vivam a alegria das descobertas que nós próprios vivemos”.

E, ainda, uma visão importante sobre o conhecimento, ainda conforme as palavras do mesmo autor (2006, p. 19): “O professor deve possibilitar a cada aluno confrontar-se com um saber que o ultrapassa e, ao mesmo tempo, fornecer-lhe a ajuda necessária para se aproximar deste saber”.

Avante, companheiros! Há muito trabalho a ser feito! Mais pesquisas, mais aulas, mais jovens e mais reflexões virão!

Referências

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 2012.
- CORTI, Ana Paula. Uma diversidade de sujeitos: juventude e diversidade no ensino médio. In: Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio. Programa Salto para o Futuro – **TVE/Escola/Brasil**, São Paulo, ano XIX, Boletim 18, nov./2009.
- ESTEBAN, María Paz Sandín. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- GOOGLE *Maps*. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>. Acesso em: 20 abr. 2015.
- JORNAL Sul21. Bernardo Jardim Ribeiro (Jornalista). **Foto dos pátios do Colégio Julinho**. Porto Alegre/RS. Disponível em: <<http://i1.wp.com/www.sul21.com.br/jornal/wp-content/uploads/2013/10/20131025por-bernardo-jardim-ribeiro-7115.jpg?resize=720%2C481>>. Acesso em: 12 maio 2014.
- MEIRIEU, Philippe. **Carta a um jovem professor**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- MICHALSKI, Marion Fassina. **Identidade do aluno Juliano: liberdade e identidade no ensino médio**. Porto Alegre: Colégio Estadual Júlio de Castilhos, 2010.
- SILVA, Rosimeri Aquino da. **Sexualidades na escola em tempos de AIDS**. 1999. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Paradigmas? Cuidados com eles. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.